

Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da UFPI

III SINESPP

20 a 24
OUTUBRO
2020

SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE ESTADO, SOCIEDADE E POLÍTICAS PÚBLICAS
Democracia, desigualdades sociais e políticas públicas no capitalismo contemporâneo

EIXO TEMÁTICO 9 | QUESTÕES DE GÊNERO, RAÇA/ETNIA E GERAÇÃO

MULHER E IGUALDADE NO MERCADO DE TRABALHO: realidade ou utopia?

Clerislânia de Albuquerque Sousa¹

RESUMO

Ao longo da história, as mulheres sempre buscaram seu espaço mesmo em ambientes onde a atuação dos homens era predominante. Ao passo que as mulheres foram conquistando novos espaços, a busca por igualdade entre os homens foi uma das principais premissas para que elas pudessem conquistar o mundo e reivindicar pelo seu espaço, quer seja em qualquer esfera. Nesse sentido, esse estudo trouxe uma abordagem sobre a realidade das mulheres brancas e negras no mercado de trabalho. O estudo revelou que apesar dos avanços conquistados pelo feminismo, ainda existem inúmeras disparidades no mercado de trabalho entre mulheres e homens, o que corrobora com a ideia da importância da luta do feminismo, ao passo que demonstra a necessidade de um amadurecimento da sociedade e dos gestores no tocante de dar o espaço e principalmente o protagonismo que as mulheres merecem.

Palavras-Chaves: Mulher; Racismo; Desigualdade; Feminismo; Trabalho.

ABSTRACT

Throughout history, women have always sought their space even in environments where the performance of men was predominant. While women were conquering new spaces, the search for equality between men was one of the main premises for them to be able to conquer the world and claim for their space, whether in any sphere. In this sense, this study brought an approach to the reality of white and black women in the labor market. The study revealed that despite the advances achieved by feminism, there are still numerous disparities in the labor market between women and men, which corroborates the idea of the importance of the struggle of feminism, while demonstrating the need for a maturation of society and workers.

¹Mestre em Planejamento e Políticas Públicas pela Universidade Estadual do Ceará / UECE; E-mail: clerislania@gmail.com

managers in terms of giving space and especially the role that women deserve.

Keywords: Woman; Racism; Inequality; Feminism; Job.

INTRODUÇÃO

Historicamente, as mulheres sempre foram colocadas como um ser inferior, se comparado com o homem. Tal fato pode ser ratificado através da dominação masculina em inúmeros campos, dentre os quais podemos destacar o campo da filosofia, mesmo com inúmeras filósofas atuando em séculos passados, a hegemonia era sempre masculina. Com o passar dos séculos, as mulheres começaram a reivindicar inúmeros direitos, conforme os períodos os quais viviam. Começava-se aí um caminho só de ida: chegava o feminismo. A luta feminista veio ganhando maior envergadura ao longo dos anos e principalmente um número expressivo de adeptas. As mulheres têm um posicionamento claro e principalmente sabem até onde podem chegar.

No entanto, infere-se que essa é uma luta contínua, visto que, infelizmente, em alguns aspectos ainda existem obstáculos a serem superados. Tais obstáculos podem ser pelo fato de ser mulher, ou ser mulher negra, por exemplo. Tais marcadores podem ser evidenciados em inúmeros aspectos em nossa sociedade, tais como economia, saúde, educação e mercado de trabalho, tema deste estudo. A partir deste prisma, este estudo tem como objetivo geral: abordar a luta das mulheres pelo seu espaço ao longo dos anos e como objetivos específicos, pretende: refletir sobre a igualdade de oportunidades entre homens e mulheres no mercado de trabalho, ratificar a importância do movimento feminista pela busca dos direitos das mulheres e analisar a realidade das mulheres no mercado de trabalho.

A fim de realizar tal estudo, buscou-se trabalhar com pesquisa qualitativa, no que tange a abordagem, a mesma é de caráter descritivo. No tocante dos procedimentos técnicos utilizados, buscou-se trabalhar com pesquisa bibliográfica, a fim de trazer o referencial teórico para este estudo, assim como, trabalhou-se também com a interpretação de alguns dados referentes à Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua do ano de 2018, que trouxe um caderno especial tratando sobre as mulheres no mercado de trabalho, assunto que relaciona-se diretamente com este estudo. Sobre

a pergunta de partida deste estudo, podemos destacar: A igualdade para as mulheres no mercado de trabalho é uma realidade ou utopia? Trazer tal questionamento é de bastante relevância, uma vez que questionar possíveis disparidades existentes entre homens e mulheres quer sejam brancas e negras é um tema que merece ser discutido, quer seja pela sua relevância e por sua atemporalidade.

2 MULHERES AO LONGO DA HISTÓRIA

Ao longo da história as mulheres sempre buscaram seu espaço. Isso é inegável. Mesmo vivendo em condições que não as favoreciam, as mulheres, cada uma à sua época, estavam à procura do protagonismo que mereciam. Em sociedades passadas, as mulheres viviam à sombra dos homens, se compararmos a atuação de ambos nos mesmos períodos. Tais lacunas existentes entre homens e mulheres já eram perceptíveis no campo da filosofia, uma vez que os homens eram maioria, dominando tal campo. Partindo disso, podemos ratificar tal afirmação a partir do comentário de Rovere, (2019, p. 7):

A história das mulheres na filosofia é marcada por numerosos desequilíbrios, dos quais o mais evidente – sua longa, muito longa ausência – tende a esconder os outros. Sabemos, é claro, que, desde a Antiguidade e até o século XX, a sociedade patriarcal europeia reservou o estudo das letras a seus rebentos machos, de modo que principalmente a literatura e a filosofia acabaram sendo atividades reservadas aos homens. O monopólio da educação, da escrita, do debate, da publicação, manteve a maioria das mulheres longe dos conceitos filosóficos e daquilo que eles trazem de alegrias especulativas, de esforços literários e de lampejos libertadores.

Cabe destacar que mesmo com o desequilíbrio existente entre a atuação dos homens e das mulheres, houve sim participação das mulheres, em um campo dominado por grandes nomes, tais como: Platão e Sócrates, por exemplo. A partir disso, infere-se que, mesmo em condições adversas, as mulheres sempre procuraram seu espaço e principalmente a igualdade, o que não deixa de ser uma forma de feminismo, assunto tão comentado na atualidade. Nesse contexto, compreende-se que o feminismo não é um termo novo, mais sim, um assunto atemporal e que ganha uma nova roupagem com o passar dos anos. Acerca de tal temática, podemos destacar o comentário de Rovere (2019, p. 9) onde apresenta:

Distinguimos então três grandes “ondas”: a primeira, entre 1880 e 1960, é a da reivindicação dos direitos (voto, trabalho, educação); a segunda, entre

1960 e 1980, desloca-se para o plano cultural e social (os papéis e o lugar da mulher no casal e na sociedade); a terceira, entre 1980 e 2010, implica questões políticas e sociais (ligando a dominação das mulheres a outras formas de segregação, racial e sexual). Poderíamos acrescentar que o ano de 2017 tornou evidente a existência de uma quarta onda do feminismo, definida por uma nova exigência em relação aos costumes (comportamento, discursos, imagens das mulheres).

Partindo disso, compreende-se como a luta do feminismo veio remodelando-se e principalmente influenciando o comportamento das pessoas e das sociedades de uma forma geral, uma vez que as pessoas estão mais conscientes sobre o seu espaço e principalmente sobre a sua forma de compreender as transformações. A desigualdade entre homens e mulheres, conforme visto anteriormente, é um traço da nossa história e a chegada do feminismo veio para romper um contexto de dominação masculina enraizado durante muito tempo. Sobre tal momento, Miguel e Biroli (2014, p. 17) explanam:

A desigualdade entre homens e mulheres é um traço presente na maioria das sociedades, se não em todas. Na maior parte da história, essa desigualdade não foi camuflada em escamoteada; pelo contrário, foi assumida como um reflexo da natureza diferenciada dos dois sexos e necessária para a sobrevivência e o progresso da espécie. Ao recusar essa compreensão, ao denunciar a situação das mulheres como efeito dos padrões de opressão, o pensamento feminista caminhou para uma crítica ampla do mundo social, que reproduz assimetrias e impede a ação autônoma de muitos de seus integrantes.

Nesse prisma, entende-se como a luta das mulheres sempre foi e sempre será um assunto atemporal. Mesmo em pleno século XXI, ainda são visíveis inúmeras desigualdades entre homens e mulheres, mesmo com um maior empoderamento das mulheres. Imagine tais situações para mulheres negras.

3 MULHERES NEGRAS AO LONGO DA HISTÓRIA

A escravidão é uma das marcas mais sombrias da história do nosso país. Os reflexos das condições de desigualdade vivenciados pelos negros durante e após a abolição da escravatura, os quais perpetuaram ao longo dos anos, reprodução de uma sociedade marcada pelo racismo, o qual desencadeou direta ou indiretamente vivenciarmos o racismo estrutural, corrobora com os níveis de desigualdade existentes em nossa sociedade. A desigualdade é um dos vestígios presentes em nossa sociedade,

podendo ser observada em inúmeros aspectos, conforme é explanado por Schwarcz (2019, p. 126):

O fenômeno da desigualdade é tão enraizado entre nós que se apresenta a partir de várias faces: a desigualdade econômica e de renda, a desigualdade de oportunidades, a desigualdade racial, a desigualdade regional, a desigualdade de gênero, a desigualdade de geração e a desigualdade social, presente nos diferentes acessos à saúde, à educação, à moradia, ao transporte e ao lazer.

Para se ter uma ideia como a desigualdade vêm de longa data, o comentário de Ribeiro (2019, p. 9 e 10) retrata muito bem tal cenário:

É importante lembrar que, apesar de a Constituição do Império de 1824 determinar que a educação era um direito de todos os cidadãos, a escola estava vetada para pessoas negras escravizadas. A cidadania se estendia a portugueses e aos nascidos em solo brasileiro, inclusive a negros libertos. Mas esses direitos estavam condicionados a posses e rendimentos, justamente para dificultar aos libertos o acesso à educação.

Ribeiro (2019, p. 10 e 11) ainda complementa, quando diz:

Quando estudamos a história do Brasil, vemos como esses e outros dispositivos legais, estabelecidos durante e após a escravidão, contribuem para a manutenção da mentalidade “casa-grande e senzala” no país em que, nas senzalas e nos quartos de empregada, a cor foi e é negra.

Nessa conjectura, observa-se como historicamente os negros sempre tiveram em desvantagem em relação aos brancos, ao passo que tais desvantagens são percebidas na atualidade. Sobre aspectos relacionados as mulheres negras, a situação ganha maior envergadura. No período da escravidão, além das mulheres negras viverem na condição de escravas, ainda serviam como “reprodutoras”, uma vez que poderiam gerar filhos, os quais poderiam ser vendidos ou usados como mão de obra no futuro. Além disso, as mulheres sofriam estupros e mutilações de seus patrões. A partir da abolição da escravatura e das transformações ocorridas ao longo dos anos, sendo o movimento feminista um grande passo na busca por essa igualdade. É importante destacar que tais dificuldades sofridas pelos negros ao longo dos anos originaram um abismo de desigualdade que gera uma reação em cadeia. Um dos pilares para um futuro próspero de qualquer pessoa o qual seja negado, certamente impossibilitará um futuro próspero de qualquer pessoa. Esse pilar é o da educação, o qual pode ser corroborado por Ribeiro (2019, p. 43) onde expõe:

Por causa do racismo estrutural, a população negra tem menos condições de acesso a uma educação de qualidade. Geralmente, quem passa em vestibulares concorridos para os principais cursos nas melhores universidades públicas são pessoas que estudaram em escolas particulares de elite, falam outros idiomas e fizeram intercâmbio.

No que tange o abismo de oportunidades em inúmeras esferas vivenciados pelos negros, Schwarcz (2019, p. 175) tece o seguinte comentário:

Uma profusão de estatísticas oficiais demonstra como as populações afro-brasileiras são objeto dileto da “intersecção” de uma série de marcadores sociais de diferença que acabam condicionando, negativamente, sua inclusão na sociedade, como um acesso mais precário à saúde, ao emprego, à educação, ao transporte e à habitação.

Tais marcadores funcionam como impulsionadores dos níveis de desigualdades entre brancos e negros em nossa sociedade. Marcadores como raça, classe e gênero, mesmo que silenciados ou não, caracterizam o abismo no tocante de oportunidades, principalmente para as mulheres negras. A fim de demonstrar como existem muitos hiatos em nossa sociedade, serão apresentados no bloco a seguir alguns dados que ratificam tal afirmação.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Periodicamente, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, divulga a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD, a fim de trazer informações sobre inúmeros aspectos da população. No início de 2019, foi publicado um caderno especial acerca de dados da PNAD 2018 de aspectos referentes a mulheres no mercado de trabalho. Para fins de construção de resultados para esse estudo, usaremos as informações trazidas nesse caderno especial.

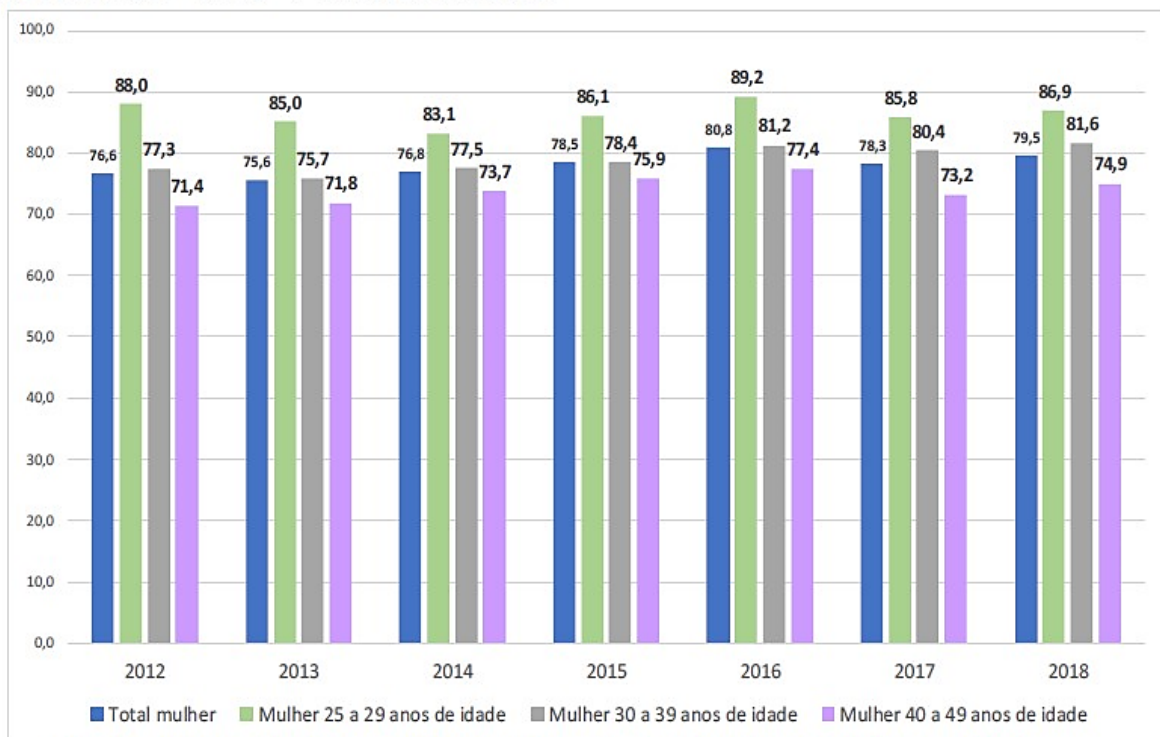
Consoante, vimos ao longo deste estudo, as mulheres sofrem com inúmeros marcadores de diferença, os quais são refletidos em inúmeras esferas, e uma delas é o mercado de trabalho. “A diferença do rendimento do trabalho entre homens e mulheres envolve diversos aspectos estruturais do mercado de trabalho. Dentre eles, pode-se apontar a idade, cor ou raça, horas trabalhadas, nível de instrução e tipo de ocupação exercida pela pessoa” (PNAD, 2018).

Segundo informações apresentadas na pesquisa, no ano de 2018, a população ocupada de 25 a 49 anos no Brasil representava 56,4 milhões de pessoas, correspondendo 54,7% de homens e 45,3% de mulheres. Tal informação já demonstra

uma hegemonia dos homens em relação às mulheres no que tange ocupação no mercado de trabalho. Outro dado que corrobora com a hegemonia masculina, refere-se ao valor médio da hora trabalhada. No ano de 2018, as mulheres recebiam o valor médio de R\$ 13,00, enquanto os homens recebiam R\$ 14,20, o que demonstra uma discrepância entre homens e mulheres.

Outro dado que merece destaque na pesquisa, refere-se ao rendimento médio de trabalho entre homens e mulheres, desmembrando-se pela cor ou raça. “Observa-se que o rendimento médio da população de pretos ou pardos correspondia, em média, a 60,0% daquela de cor branca” (PNAD, 2018).

Gráfico 3 - Razão (%) do rendimento médio habitual de todos os trabalhos de mulheres em relação ao de homens de 25 a 49 anos de idade ocupados da semana de referência, segundo os grupos de idade - Brasil – 4º trimestre 2012-2018



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua.

Conforme informações disponibilizadas na pesquisa, a mesma faz a análise abaixo:

Além da diferença de rendimento existente entre cor ou raça na população ocupada total, a desagregação simultânea do rendimento médio, por cor/raça e sexo, permaneceu mostrando que as mulheres, sejam elas brancas, pretas ou pardas, têm rendimento inferior ao dos homens da mesma cor. Entretanto, verificou-se que a proporção de rendimento médio da mulher branca ocupada em relação ao de homem branco ocupado (76,2%) era menor que essa razão entre mulher e homem de cor preta ou parda

(80,1%) em 2018. A menor desigualdade entre rendimentos de pretos e pardo pode estar relacionada ao fato dessa população ter maior participação em ocupações de rendimentos mais baixos, muitas vezes, baseadas em piso mínimo. Esse comportamento ocorreu em todos os anos, de 2012 até 2018. (PNAD, 2018.)

Tal comentário corrobora com a ideia de desigualdade existente entre brancos e negros, onde os negros ocupam posições mais baixas no mercado de trabalho, aumentando a disparidade social.

A tabela a seguir apresenta dados relativos a rendimento médio habitual do trabalho, onde são observados aspectos de rendimento das mulheres em relação aos homens.

Tabela 1 - Rendimento médio habitual do trabalho principal da população de 25 a 49 anos de idade ocupada na semana de referência, por sexo, segundo os grupamentos ocupacionais, participação de mulheres na ocupação e razão (%) do rendimento de mulheres em relação ao de homens - Brasil - 4º trimestre -2018

Grupamentos ocupacionais	Rendimento médio habitual do trabalho principal (R\$)		Participação de mulheres na população ocupada (%)	Percentual de horas trabalhadas na semana de referência pela mulheres em relação a de homens (%)	Razão do rendimento médio habitual de mulheres em relação ao de homens (%)
	Homem	Mulher			
Total	2.491	1.978	45,6	88,4	79,4
Diretores e gerentes	6.216	4.435	41,8	95,5	71,3
Profissionais das ciências e intelectuais	5.890	3.819	63,0	90,3	64,8
Técnicos e profissionais de nível médio	3.320	2.386	45,2	95,4	71,9
Trabalhadores de apoio administrativo	2.071	1.785	64,5	97,2	86,2
Trabalhadores dos serviços, vendedores dos comércio e mercados	1.958	1.295	59,0	88,0	66,2
Trabalhadores qualificados da agropecuária, florestais, da caça e da pesca	1.397	999	21,1	82,6	71,5
Trabalhadores qualificados, operários e artesões da construção, das artes mecânicas e outros ofícios	1.752	1.150	16,2	83,0	65,7
Operadores de instalações e máquinas e montadores	1.895	1.303	13,8	92,3	68,8
Ocupações elementares	1.060	951	55,3	86,1	89,8
Membros das forças armadas, policiais e bombeiros militares	5.301	5.338	13,2	89,8	100,7

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua.

Em média, a jornada de trabalho semanal da mulher era 4,9 horas inferior à jornada dos homens. Essa diferença era menor nos grupamentos de Dirigentes e gerentes (-2,0 horas), dos Técnicos e profissionais de nível médio (-1,9 hora) e a de Trabalhadores de apoio administrativo (-1,2 hora). Por outro lado, as mulheres dos grupos de Trabalhadores qualificados da agropecuária, florestais, da caça e da pesca e dos Trabalhadores qualificados, operários e artesões da construção, das artes mecânicas e outros ofícios trabalhavam, em média, 7,0 horas a menos que os homens. Nesses dois últimos grupamentos, entretanto, estavam as menores diferença de valor da hora trabalhada (menos R\$ 1,1 e R\$ 1,6, respectivamente). As mulheres tinham o valor da hora

trabalhada superior à dos homens apenas nas Ocupações elementares (R\$ 0,7) e entre os Membros das forças armadas, policiais e bombeiros militares (R\$ 3,9). (PNAD, 2018.)

Observa-se que em quase todas as categorias havia a discrepância entre os salários dos homens e das mulheres, sendo o valor das mulheres superior somente em pouquíssimas categorias, o que nos leva a concluir que o mercado de trabalho ainda precisa evoluir e muito no que tange a igualdade de oportunidades para as mulheres no mercado de trabalho.

5 CONCLUSÃO

Ao longo deste estudo foi possível observar que, historicamente, as mulheres sempre buscaram o seu espaço em sociedades onde a predominância masculina era praticamente absoluta. Mesmo vivenciando contextos adversos, as mulheres tiveram sempre em mente a busca pela igualdade. Tal busca por essa igualdade, veio remodelando-se ao longo dos tempos, onde as mulheres conquistaram e vem conquistando mais direitos e finalmente conquistando o seu espaço de direito.

No entanto, é preciso ressaltar que apesar de tais avanços essa é uma luta constante e que ainda não tem uma data para acabar, visto que existem ainda inúmeras discrepâncias em oportunidades, quer seja para mulheres brancas e um abismo ainda maior para mulheres negras, essas, por sua vez, que ainda sofrem ou podem vir a sofrer com os devaneios de uma sociedade marcada pelo racismo.

O estudo buscou fazer uma abordagem a partir de uma divulgação especial oriunda da pesquisa nacional por amostra de domicílios, realizada no ano de 2018. A pesquisa revelou que ainda existe uma disparidade tanto salarial, quanto de ocupação entre homens e mulheres, onde uma das possíveis explicações acerca da diferença de rendimentos pode ser explicada através de inúmeros marcadores, tais como raça, nível de instrução, idade, entre outros. Partindo-se da ideia somente desses marcadores, infere-se que as mulheres ficam sempre em desvantagem, visto que, apesar das conquistas do feminismo, ainda vivemos em uma sociedade marcada pelo racismo, este, por sua vez, reflexo de séculos de escravidão, ou seja, a tendência é que as mulheres negras ocupem a base da pirâmide no mercado de trabalho, ou seja, ocupações com salário-mínimo. A questão da idade para a mulher acaba sendo um complicador, uma

vez que se associa que quanto maior a idade o rendimento da mulher vá diminuir, o que não ocorre com os homens, visto que são considerados mais maduros. Além disso, muitas mulheres acabam retardando a maternidade a fim de conquistar o sucesso profissional, o que muitas vezes não ocorre e que pode ser refletido através das diferenças salariais entre homens e mulheres.

Nesse contexto, podemos concluir que a luta feminista ainda vai perdurar por um bom tempo, quem sabe ainda estaremos vivenciando a 5ª onda do feminismo, ao passo que as organizações e principalmente os gestores precisam amadurecer e principalmente compreender que a força de trabalho feminina tem o mesmo potencial ou até mais para desempenhar atividades realizadas por homens, para quem sabe, no futuro, vivermos em uma sociedade a qual imaginamos e principalmente merecemos ser protagonistas e não coadjuvantes.

REFERÊNCIAS

BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil** – 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Pólen, 2019.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios / PNAD 2018 Divulgação Especial Mulheres no Mercado de Trabalho** – Disponível em: [ftp://ftp.ibge.gov.br/Trabalho e Rendimento/Pesquisa Nacional por Amostra de Domicilios continua/Estudos especiais/Mulheres no Mercado de Trabalho 2018.pdf](ftp://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_continua/Estudos_especiais/Mulheres_no_Mercado_de_Trabalho_2018.pdf) Acesso em 13 dez 2019.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. **Feminismo e Política**. São Paulo: Boitempo, 2014.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Pólen, 2019.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista** – 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RODRIGUES, Cristiano Santos; PRADO, Marco Aurélio Maximo. **Movimento de Mulheres Negras: Trajetória Política, Práticas Mobilizatórias e Articulações com o Estado Brasileiro**. *Psicologia & Sociedade*; 22 (3): 445-456, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v22n3/v22n3a05.pdf> Acesso em 07 out 2019.

ROVERE, Maxime. **Arqueofeminismo – Mulheres Filósofas e Filósofos Feministas Séculos XVII – XVIII**. São Paulo: n-1 edições, 2019.

SCHWARCZ. Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro** - 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.